

EU E O OUTRO NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO¹⁰

Tania Regina Castelliano (FASP)
taniacastelliano@terra.com.br

RESUMO

O estudo versa sobre o relato do autor Celso Athayde intitulado: *Lembranças dos amigos da terra*, capítulo do livro *Falcão Meninos do Tráfico de MV Bill e Celso Athayde*. O discurso revela um dizer coletivo que vai desvendando a consciência dialogada, narrada pelo sujeito, autor da obra *Falcão Meninos do tráfico*, o sujeito do apelo. O objetivo principal é analisar o diálogo em destaque, com o personagem Sabugo que retrata as normas, as regras e o dialeto marcado pela linguagem do tráfico de drogas. Sua identidade é revelada no sujeito que se processa por meio da linguagem, revelando seu valor no contexto social e ideológico da sua consciência. A linguagem é uma das armas poderosas com seus signos, onde o sentido do diálogo e a significação das palavras dependem da relação entre os sujeitos, dentro e fora da comunidade, ou seja, como se constroem na produção e na interpretação do texto. Ela vem carregada de códigos à luz da teoria discursiva dos aportes teóricos de Bakhtin (2003) e ainda, o que a teoria dos discursos sociais entende por discurso em que envolve outras semióticas, como significado das palavras sob a égide de Foucault (2007). Esse estudo permitiu verificar que a voz do autor, transmite a palavra do sujeito outro, que silencia por não poder dizer na sociedade brasileira; que os condenam e rejeitam os falcões, a importância da palavra enunciada no diálogo, que carrega a força do dizer e tudo àquilo que o sujeito quer comunicar ao seu outro.

Palavras-chave: Sujeito. Discurso. Linguagem. Diálogo. Poder.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

Os autores MV BILL e CELSO ATHAYDE, em sua obra *FALCÃO meninos do Tráfico* (2006), capítulo: *Lembranças dos Amigos da Terra*, trata do universo do sujeito – o garoto Sabugo que trabalha no tráfico de drogas. Nesta obra, compartilham com o leitor os fatos que ficaram marcados em suas consciências. Movidos pela busca do direito da igualdade e de oportunidades, os autores desejam contribuir para que este país, tão machucado socialmente, deixe para trás a alienação induzida pelo poder hegemônico. Ao fazerem esse triste registro e o trazerem a público, abrem uma discussão sobre os excluídos da sociedade, segurança pública e o bem estar desta nação.

¹⁰ Este artigo resulta do trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos de 01 a 04 de abril de 2010.

Mas quem são esses autores, os quais se interessam por essa temática desprezada por muitos? MV BILL é o *rapper* mais famoso do Brasil. Possui uma importância política ideológica, uma vez que narra através do *rapp* uma viagem devastadora sobre o mundo das drogas e da marginalidade de forma original e familiar. Relata ainda, seu compromisso em arregaçar as mangas e se entregar as causas populares. Nascido e criado na Cidade de Deus – onde reside até hoje. É coprodutor e codiretor dos filmes Falcão – Meninos do Tráfico e Facão (2006) e O Bagulho é Doido (2006). Recebeu a medalha da Unicef (2004) o título de Cidadão do Mundo pelo seu trabalho de destaque com a juventude. Foi também premiado pela Unesco como um dos *rappers* mais politizados dos últimos dez anos.

CELSE ATHAYDE nasceu na baixada Fluminense, mas cresceu na favela do Sapo, em Senador Camará. Tornou-se o mais importante produtor de *Hip Hop* do Brasil, através do projeto Hutúz, criando festivais de cinema, *Hip Hop*, batalhas de MC's, DJ's, B. Boys, seminários, entre outras modalidades de cultura. É coprodutor e codiretor dos filmes Falcão – Meninos do Tráfico e Falcão (2006) e O Bagulho é Doido (2006). É criador da primeira Liga Brasileira de Basquete de Rua (Libbra) e das Seletivas Estaduais de Basquete de Rua (Sebar) e também é fundador da Central Única das favelas (Cufa). Ele recebeu o prêmio Orilaxé 2006, na categoria Direitos Humanos – Na linguagem dos povos iorubas, nossos ancestrais africanos; orilaxé quer dizer: “a cabeça tem o poder de realização”. (O trabalho social realizado na Cufa). Cuida ainda da agenda de grandes nomes do *Hip Hop* brasileiro, como Nega Gizza e MV Bill.

O livro dos autores citados permite ser analisado por muitos suportes teóricos. Porém, reuni-se, neste artigo, de modo objetivo a proposta central de cada autor, que é constituída de reflexões, permeadas por várias vozes submetidas à lei de poder do tráfico de drogas, que disponibiliza um rico material para o estudo da linguagem, texto e discurso.

1. Introdução

Um dos objetivos deste artigo é abalizar o Eu e o outro na construção do sujeito no tráfico de drogas através da obra referenciada acima. A linguagem, com seus signos, é uma das armas poderosas, cujo sentido do diálogo e a significação das palavras dependem da relação entre essas

crianças dentro e fora da comunidade, ou seja, como se constroem na produção e na interpretação dos textos. Os aportes teóricos estão à luz de Bakhtin (2006) sobre a linguagem em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, e as concepções de poder de Michel Foucault, presentes em sua obra *Vigiar e Punir* (2007), dentre outros títulos, de forma a referenciar os pressupostos teóricos que norteiam a análise da obra em análise.

Outro objetivo deste artigo é revelar que o discurso das crianças do tráfico de drogas foge da tradição retórica, mas, está presente na fala cotidiana e, é regido por regras e normas que definem o gênero diálogo na comunicação do tráfico e as formas de produção. Os sentidos da significação apresentam, para os estudos do III Simpósio Nacional de Estudos Filológicos e Linguísticos, outras possibilidades de enfoque no discurso dos meninos do tráfico – os excluídos da sociedade. A análise visa, ainda, investigar além da “linguagem e do poder”, o campo dos enunciados para melhor compreender os aspectos sócio-históricos dos diálogos sociodiscursivos de certos sentidos em nossa cultura. Em relação a esse aspecto, Bakhtin/Volochinov (1929, p. 124 – grifos meus) asseveram:

As relações sociais evoluem em função das infraestruturas, depois a comunicação e a interação verbal evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos **atos da fala** evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua.

Observa-se que na obra dos autores, acima citados, um destaque relevante é dado ao gênero diálogo, através do tom¹¹ de ordem e poder, nos atos de fala das crianças entrevistadas, conforme será transcrito no decorrer do trabalho.

2. *Sujeitos: Eu o outro e o poder*

Meu papel – mas este é um termo muito pomposo – é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiras, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidencia pode ser criticada e destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas. (MICHEL FOUCAULT)

Assevera Foucault (1999), que em qualquer tempo e espaço, transitando entre os sujeitos, sobretudo pelas “mãos sinuosas” da produção

¹¹ Tom – valor sociológico.

discursiva; o poder é exercido em diferentes camadas sociais. O “poder” circula por toda parte social, não devendo ser visto, como um componente que pertença exclusivamente ao tráfico de drogas. Na perspectiva foucaultiana, *são microlutas, já que não há um centro único do Poder, pois ele se espalha por toda topografia social – e, sendo microlutas, elas transcendem à clássica noção de “lutas de classes”* (GREGOLIN, 2004, p. 133). Ainda, nessa perspectiva, os sujeitos do capítulo *Lembranças da Terra* não são detentores do “poder”. Adversos são efeitos das relações de *microlutas*, pelo poder no tráfico de droga. Relata-nos Celso Atayde (2006, p. 189, p. 190):

Eu conhecia boa parte dos pontos de trabalho dos Falcões daquela comunidade. Chegamos ao posto do Sabugo.

– Fififiuu... – Era o gerente da boca assoviando para o Falcão.

O Falcão nada de aparecer.

O gerente de um sorriso amarelado e ordenou que seus fiéis fossem chamá-lo. Só que o rapaz não estava, e, se estava não respondia.

– O maluco abandonou o posto! – disse um menino que estava segurando uma pistola.

Comecei a lembrar das histórias que eu tinha ouvido, e, se fosse verdade a metade do que os Falcões falavam, ele estava preste a morrer. Seria sua punição por abandonar o posto. Por outro lado começava a me sentir culpado. Se eu não fosse gravá-lo naquela noite, ninguém descobriria seu sumiço, eu acho.

Começou uma grande caçada ao Sabugo... Eu pensava: "Como pode, esses jovens fazerem tanta questão que a vida de um colega seja tirada? Cadê o espírito de grupo desses loucos?".

São estas relações, quando olhamos dois mundos diferentes, associadas aos jogos da verdade, que constituem os indivíduos em sujeitos. Afirma Bakhtin (1992, p. 43):

Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças às posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem.

No contexto discursivo, relata Celso (2006, p. 190) que

O gerente falava com alguém no rádio sobre o garoto. Um outro gerente nos encontrou na porta de uma escola e passamos a conversar... Na verdade, passei a desestimular a morte do garoto, argumentando que tinha que dá a ela uma chance.

No contexto discursivo, observa-se que ao mesmo tempo em que é preciso sacudir e buscar o direito a vida, é preciso amparar o Sabugo e o compromisso pressupõe também desacomodar, alterar o lugar das coisas, ou seja: uma relação humana de luta de muitos.

As relações de poder de poder estarão sempre presentes, relações em que os sujeitos buscam conduzir a sua conduta e a do outro, não importando em que tipo de relação – amorosa, religiosa, econômica, institucional. De acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito, que ora está na posição de desempenhar a “ação” do “poder” e ora na posição de sofrer essa “ação”, ele transita com maior ou menor grau de intensidade.

Como ilustração do exercício do poder, tomemos a *fábula fabulosa* do Millôr Fernandes:

O REI E O ESCRAVO



O Rei, em seus acessos de raiva, batia diariamente no Escravo. Batia de manhã, batia de tarde, batia de noite. Até que um dia o Escravo, não suportando a dor e a humilhação, pegou de uma faca e abriu a barriga do Rei.

MORAL: Não adianta porque sempre haverá um rei pior.

Na *fábula fabulosa*, dadas as condições de dominação sobre sujeito e escravo; como escravo ele não é livre. Mas na condição de escravo ele rebela-se à tirania do Rei. Por tanto para que haja relação de poder, os sujeitos necessitam ser livres e possam opor-se a ação que lhe é contrária,

já que o poder é uma ação sobre ações. Assevera Celso (2006, p. 190) que:

O mais provável é que ele tenha fugido da favela, levando o material da boca que estava na sua responsa. Isso acontece com certa frequência. Os garotos somem com tudo que está na sua casa e não voltam nunca mais. Os que voltam arrependidos normalmente pagam com a vida. É que seria um estímulo ao roubo não matá-los.

Nas relações de poder haverá sempre uma possibilidade de resistência, que apontamos como sendo o estigma denunciador das relações de poder. Afirma-nos Foucault (2004, p. 277):

Mesmo quando a relação de poder é completamente desequilibrada, quando verdadeiramente se pode dizer que um tem poder sobre outro, um poder só pode se exercer sobre o outro à medida que ainda reste a esse último a possibilidade de se matar, de pular pela janela ou de matar o outro. Isso significa que, nas relações de poder, há necessariamente possibilidade de resistência, pois se não houvesse possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertem a situação –, não haveria de forma alguma relações de poder.

No século XVII, período da monarquia absoluta, o exercício do poder do monarca era *legibus solutus*, não era refreado por nenhuma lei limitativa, tendo o poder de vida e morte sobre os súditos, existia a probabilidade de resistência. Os aldeões negavam-se a pagar impostos, travavam contra o Rei, roubavam suprimentos reais. As fábulas de La Fontaine, por exemplo, direcionou muitas de suas fábulas a crítica da forma tirânica de governo de Louis XIV em que se observam uma relação de comunicação, localizadas de formas discursivas em que retrata nas relações de poder a ideia de opressão, dominação e força castradora. Relata Celso Athayde (2006, p. 191) que:

A voz e o olhar de Sabugo o condenavam. Se ele estivesse na casa da tia, que era o local de trabalho dele, teria escutado o pessoal chamando. Em todas as entrevistas que vi Bill fazer com ele, ele falava e fumava veneno, a mistura de cocaína com maconha. Eu continuava calado esperando o desfecho. Era nítido que alguns garotos alisavam o gatilho, loucos para furar alguém. Eu não sei exatamente por que, se eles tinham diferenças entre eles, se o Sabugo era reincidente... O fato é que eu caí no miolo como bom poliglota que sou!

As relações de poder estão inevitavelmente relacionadas a instância do saber. E o saber de Celso Athayde, nesse momento, delega autoridade do discurso verdadeiro em função do qual afirma Foucault (1999, p. 180), “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer.” Ainda Celso Athayde:

Pedi, implorei ao gerente que não matasse o garoto. Disse que merecia uma chance, que eu o levaria para trabalhar comigo, pedi para deixá-lo ir. Que a partir daquele dia, ele estaria sob minha responsabilidade. O gerente não concordou, mas sabia que eu tinha um bom relacionamento na boca, um bom trânsito no crime e não era racional matar um jovem na minha frente.

O Sabugo está sendo condenado à morte, porque desobedeceu a um *código moral do tráfico* – saiu do seu posto de vigia. Segundo Foucault (2004, p. 215), na instância dos códigos de comportamento, *a subjetivação se realiza, basicamente, de uma forma quase jurídica, na qual o sujeito moral se refere a uma lei ou a um conjunto de leis à qual ele deve se submeter, sob pena de cometer faltas que o expõem*. E Sabugo relata a Celso Athayde (2006, p. 193):

Ele disse que estava dormindo, estava muito cansado e admitia que era um erro gravíssimo, um erro que poderia representar a perda de outras vidas. Mas garantiu que, se tivesse que morrer, ia morrer negando. Eu escutava e ficava ligado nos outros Falcões, sedentos por sangue ou por fazer média com ele.

Sabugo, ao sair de cima da laje, infringiu o aspecto moral como as regras, os comportamentos, as “leis” que devem ser aprendidas e cumpridas, o *código moral* imposto pela comunidade do tráfico de drogas. Relata Celso Athayde:

– Sabugo, filho d puta. Tira a roupa!

Era o gerente de volta, irado.

– Qual é Veneno, qual foi? – perguntei pra ele.

– Celso, se liga... Pega a câmara, teu parceiro e mete o pé. Vamos botar fogo nesse filho da puta, mas se quiser ficar, é contigo mesmo.

– Vou ficar.

O enterro de Sabugo foi simples, levamos uma coroa grande em nome da Cufa. Dizia assim: “Descansa em paz, leve para o céu as lembranças dos amigos da terra.”

Cabe à instância de autoridade, a governamentabilidade daquela facção, que defende o código moral, no caso o Poder Judiciário instituído pelo tráfico de drogas, punir a infração ao código, cometida pelo indivíduo.

3. *O discurso da Ilegalidade – o berço do crime*

O trabalho na favela e nas bocas de fumo da periferia, os chamados pontos de venda, é liderado por traficantes de toga e gravata, crianças, jovens do morro. A ilegalidade do comércio das drogas tem sua regulamentação regida pelo chefe dos traficantes de cada facção que, em algum momento, é comandado de dentro da prisão. Palmo a palmo desses territórios é disputado por várias facções, sempre de forma violenta. Uma verdadeira guerrilha interna ou externa ocorre dentro de cada facção, em que morre de overdose mais gente inocente do que usuários. O poder e o crime é que compensam para eles. Um poder de corrupção e de compra de armamentos que desafia o estado e o país, como relata Celso Atayde (2006, p. 122).

Houve um tempo em que os inimigos invadiam as favelas só com os comparsas. Atualmente, além de invadir e matar os rivais, trazem de suas favelas de origem centenas de famílias, expulsando as famílias locais – a ideia é se cercar de gente conhecida para ter o mesmo padrão de segurança que tinha antes. Isso faz com que o ódio entre os criminosos seja estendido aos moradores comuns. Vendo por esse lado, pior do que conviver com o crime é ter que se submeter a uma ocupação e a uma mudança de facção. Daí os moradores acabam vestindo a camisa da facção que administra sua comunidade e se tornando parte dela... o crime tem que fazer jus a seu nome... proibir que **policiais recebam propina** e se tornem sócios em muitas ocasiões. Proibir que polícias vendam inimigos vivos de uma facção para outra quando são capturados... (**grifos meus**)

Como se observa, o direito de liberdade é violado aos moradores da favela pelas facções da delinquência do tráfico de drogas dominantes daquela área ou por invasões de outras facções que querem se apoderar dela e que se utilizam de policiais corruptos, conforme relato acima de Celso Athayde. Para Foucault (2007, p. 233), “A organização de uma ilegalidade isolada e fechada na delinquência não teria sido possível sem o desenvolvimento dos controles dos policiais”.

Cada facção, com suas siglas, representa a ilegalidade, a delinquência – a organização de comércio ilícito – cuja vitrina são os trapos, “os fiel”, os meninos do tráfico, que são o retrato da miséria, enquanto o depósito da riqueza está com os chefes *das facções* (grifos meus). As crianças que vivem no mundo da ilegalidade do tráfico de drogas morrem geralmente antes de completar a maioridade. Muitos desses garotos são absolvidos pela delinquência do crime para poderem sustentar suas famílias, conseguindo, no máximo, um salário de R\$ 500,00 reais por mês.

4. O código e as normas do tráfico de drogas

Um código utilizado para avisar que a polícia está chegando é da responsabilidade do fogueteiro. A explosão de fogos nas favelas não é festa, mas sinal de terror, morte, medo, armas, polícia e correria. Sinal de perigo. O tráfico de drogas tem seus olheiros e fogueteiros, que controlam o território do alto do morro com seu arsenal de armas. Para Foucault (2001), na obra *Vigiar e Punir*, escrita em 1975, “*o poder é uma teia invisível*” (LONARDONI, 2006, p. 110) e a relação do poder está presente nas facções do tráfico de drogas e é exercido. Como afirma o filósofo, “*o poder é multiplicador: eu controlo e o outro me controla.*” (*Idem*). A sociedade cumpre o papel de bode expiatório no momento em que policiais fazem apreensão a usuários como verdadeiros criminosos, e não, aos traficantes de drogas. Uma *infração* do usuário que é levado à condenação moral da sociedade além da condenação da “lei” (Lei 11.343 do Código de Processo Penal, que entrou em vigor 08/10/2006). Mas que *lei* é essa, regida pelos chefes das facções do tráfico de drogas, que vai da tortura à execução, que vem de cima para baixo – hierarquicamente, do chefe da facção até chegar no “fiels” – os meninos do tráfico? Nesse sentido, Foucault (2006, p. 41) concebe que:

A infração, segundo o direito da era clássica, além do dano que pode eventualmente produzir, além mesmo da regra que infringe, prejudica o direito que faz valer a lei: Mesmo supondo que não haja prejuízo nem injúria ao indivíduo, se foi cometida alguma coisa proibida por lei, é um delito que exige reparação, porque o direito do superior é violado e é injuriar a dignidade do seu caráter.

Mas, e quando o bode expiatório é o próprio MV BILL (2006, p. 207) – o autor do livro – que comete infração? Relata Bill: “Pode ser que eu esteja enganado, pode até ser que a polícia tenha mudado. Mas imagino que, no momento em que você lê essas linhas escritas por mim, estejam, em nome dos bons costumes e da família, me processando por apologia ao crime”. Em seu relato em comemoração à festa de Natal do ano 2000, ele apresenta, na Cidade de Deus, bairro do Rio de Janeiro em que mora, o clipe Soldado do Morro para mais de vinte mil pessoas que participavam da festa do bairro, passando imagens captadas da sua viagem pelo Brasil. Um repórter da rede Globo de TV filma as imagens do clipe que estavam sendo projetadas no telão, as quais, no dia seguinte, viram manchetes por aquela emissora. A partir daquele momento, Bill se tornou o sujeito mais procurado do Brasil, pois as imagens que foram ao ar eram as das armas utilizadas pelas crianças do tráfico – “Os Falcões”. Segundo

Bill (2006, p. 208), “A polícia, por sua vez, fez o seu papel. Se limitou a tentar prender o rapaz que a Globo disse que não prestava. Se não disse, induziu e insistiu durante a programação. Ali, pude ver a força da mídia, o quanto ela me sufocava. A *lei* (grifos meus) não pune pela convicção, mas se guia pelo calor da mídia. Ela é quem dita às regras de quem deverá ser preso. Eu era o procurado da vez”.

A infração à lei (normas de poder regidas pelas facções) revela a força do poder do tráfico. O direito de punir e o descaso das autoridades sobre um poder de vida ou morte levam o Brasil a discutir se Bill, o bode expiatório, era bandido ou não.

5. *A disciplina do tráfico – o sistema prisional*

Esse processo consiste em distribuir as crianças – “Os fiel” (código, pelo qual as crianças são tratadas) – em pontos estratégicos a fim de que possam vigiar o morro. A distribuição de vigilância precede de observação ininterrupta do território dominado pela facção à qual pertencem. São os soldados do “observatório”, das lajes de concreto onde imperam a rivalidade (entre facções, pela tomada do ponto) e a guerra (entre eles e os policiais). Essas crianças são disciplinadas, “adestradas”, como soldados prontos para matar ou morrer, a uma vigília de 24 horas ininterruptas. A vigilância hierarquizada torna-se uma engrenagem específica do poder disciplinar. O sono é uma imagem de morte, como está fora do posto é a imagem do sepulcro. Foucault (2007, p. 143) afirma que:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo.

A disciplina do tráfico de drogas multiplica e transforma essas crianças em marginais perigosos, e o poder de disciplinar dá-se ao líder de cada facção. Assim como o soldado disciplinado é reconhecido de longe, no tráfico de drogas, reconhecem-se “os Fiel”. Em comum, eles têm que levar os sinais da disciplina, de vigor e coragem, as marcas do seu orgulho e ainda tendo o seu corpo como brasão de valentia e força.

Não tenho pretensão de abordar as causas sociais, econômicas e políticas da violência urbana, uma vez que esse assunto já vem sendo abordado por outros estudiosos afins. Retomarei o que a teoria dos discursos sociais entende por discurso, envolvendo outras teorias que tratam de

significados das palavras para a presente análise. Entende-se que o “dialeto” utilizado na comunicação verbal do tráfico seja resultado de uma constante disciplina, presentificada tanto no comportamento como na linguagem. Assim também no tráfico de drogas, a disciplina é sustentada pelo seu próprio mecanismo e pelo jogo ininterrupto dos olhares dos Falcões.

6. *Diálogo e conceito de linguagem no tráfico*

O diálogo narrado pelos autores com pessoas do tráfico (crianças, jovens e adultos) traz ao leitor uma análise do discurso sobre a influência que tem o poder da comunicação neste linguajar que é criador de uma linguagem que lhe é própria, onde estabelecem um código linguístico, que desafia o próprio Estado. Uma linguagem em que se respeitam os conceitos “favelas”, “periferia”, “pobreza”, “riqueza”. O conceito de linguagem que emana do pensador russo Bakhtin (1997, p. 92)

...está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem linguística discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas.

Segundo Mikhail Bakhtin (1997) o conceito de linguagem vai de encontro a uma visão de mundo e não a uma tendência linguística, “onde a natureza dialógica da linguagem é um conceito que desempenha papel fundamental funcionando como célula geradora dos diversos aspectos que singularizam e mantém vivo o pensamento desse produtivo teórico” (Apud BRAIT, 1994, p. 11). Essa linguagem foge da tradição retórica, porém está sendo incorporada às falas cotidianas da sociedade dominante.

O discurso dessa comunidade em estudo é regido por regras e normas que definem um gênero na comunicação do tráfico, que propaga aos possíveis receptores ou a terceiros reforçados sua ideologia e concepção de mundo, onde valores são estabelecidos e outros rompidos. O fragmento da entrevista de Celso Athayde (2006, p. 170), confirma essa assertiva:

Mais uma favela, mais droga, mais criança na rua de boqueira. Parei para falar com Vampetinha. [...] O papo que rola em seguida, com o Vampetinha, foi para mim a melhor explicação pra esse **cô** intelectual de “cultura da violência”. Eu sei o que é cultura. Sei, melhor ainda, o que é violência. Mas sempre me perguntei que porra é essa de “cultura da violência”? Depois que vi essa triste brincadeira dos moleques amigos do Vampetinha, deu pra sacar que as crianças ricas vão ao teatro ver o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e outras para-

das educativas, enquanto as crianças da favela alimentam sua sede de cultura e diversão com personagens bem diferentes daqueles criados por Monteiro Lobato.

Eles brincavam de boca de fumo, uma boca gigante.

Celso: E aí, menor, tu faz o que aqui na linha do trem?

Vampetinha: Estudo...

Celso: Sempre te vejo envolvido com os caras...

Vampetinha: Fomos criados juntos... Pô, conheço os moleque maior tempo. Eles me chamam pra entrar na boca, mas eu não curto não, meu **bagulho** é curtir mesmo, ir pra escola. Se precisar, dá pra pedir a meu pai ou a minha mãe, sempre vai cair mesmo um dinheiro pra **fortalecer**. **Bagulho** de boca, eu não gosto não. Não quero entrar na **boca** não.

Celso: Então o que mais interessa nessa porra toda, de estar envolvido com esses caras?

Vampetinha: Pô, faço favor quando eles me pedem, sem neurose, não sou escravo deles, mas faço favor, sem neurose. Favor, não é interesse em nada. Só pra fortalecer mesmo.

Celso: Teu pai era da boca?

Vampetinha: Meu pai era traficante. Meu pai vendia droga.

Celso: E hoje, ele fez o que?

Vampetinha: Hoje ele trabalha, trabalha com meu padrinho.

Celso: O que você pensa quando pensa no futuro?

Vampetinha: Penso em ser alguém na vida, pô. Ter um emprego fixo, ter uma condição. Se minha mãe precisar, eu to lá pra botar uma coisa dentro de casa, uma comida, comprar uma roupa pra minha mãe. Lá em casa, **só quem trabalha é meu pai, tá ligado?** Minha mãe é desempregada. Minha mãe vive de nada, vive do meu pai. Meu pai banca **os bagulho lá em casa**.. Eu não ajudo por causa que eu não trabalho. Só estudo. Se eles (os amigo) quiser me fortalecer, já é. Se não quiser também, tá tranquilo. Mas é fortalecer mesmo...

Celso: Mas quando eles fortalecem, é o quê?

Vampetinha: Fortalecem dinheiro. Só não fortalecem **bagulho** de droga. Isso eles não fortalecem não. Eles **tá ligado** na minha, no **bagulho do meu pai**. Droga, eles não fortalecem não. Só dinheiro mesmo.

Celso: Aí você faz o que com dinheiro?

Vampetinha: Às vezes, eu dou pra minha mãe. Às vezes eu fico pra mim, pra mim curtir **um bagulho**. Faço **vários bagulhos**...

Celso: O que é mineira?

Vampetinha: Uns polícia que saiu do quartel, aí virou mineira, tipo um matador de aluguel, eles vão e matam, matam pra caraca.

Celso: Em que série você está?

Vampetinha: To na quinta. [...] Diz que vai brincar de polícia e ladrão. Eu saco o recado e vou com ele pro CIEP. É a brincadeira que a gente brinca todo dia. A gente brinca dela todo dia, **tá ligado?** Vamos supor, a brincadeira tem várias armas, mas tudo de brinquedo. A gente pega eucalipto, fala que é maconha. Aí tem uns moleques que vão comprar bagulho e falam que é pó... Já entrando o personagem da brincadeira. Ele muda até **de voz pra falar** com outro moleque. **Qual foi, irmão? Ta correndo por causa de quê?**

Celso: O que vocês brincam aqui?

Moleque da metranca: (*traga*) Boca de fumo!

O moleque segue fumando o cigarro de eucalipto como se fosse outro. Na imagem, é igualzinho, mas o cheiro é outro.

Celso: E você é polícia ou bandido?

Moleque da metranca: Bandido

Vampetinha: Gosto de brincar de pique, pique-bandeira, gosto dessa brincadeira aí, mas também incentiva a gente a ser da vida do crime. Eu já falei pra você que eu não gosto de ser da vida do crime, mas eu to brincando só pra mim relaxar a cabeça, pra mim ver como é que é, eu entrar, pra mim ver como é...

Parrudinho: Se aproxima não! Atividade na Getam.

Short azul: Se entrar, vai ficar sério o bagulho, irmão!

Short vermelho: Haxixe aí, maconha, vem!

Parrudinho: Tranquilo! É a gente mesmo!

Short Vermelho: Bagulho é rolar um baseado mesmo pra rolar geral, **tá ligado?**

Short azul: Os cana tão foda! **Qual é a desse fogos aí?** Eles fazem uma “contabilidade da boca”, contam as mutucas, contam o dinheiro falso.

Parrudinho: Isso daqui é o envenenado... Se liga, tu fala com aquele tenente que agente vai furar ele mermo! Pega esse dinheiro e pode falar que é no meu nome. Só 3 mil. Três mil do **arrego**. Se eles quiser mais que isso, pode falar que a gente vai meter bala neles! Já é!

Moleques: esse daí que rateou! Qual foi? Qual foi?

X9: Eu encontrei vocês.

Moleque: Vamos botar fogo, cadê a corda? **Xisnovou** foi nós, vai tomar no cu!

O Parrudinho dá uma coronhada na testa do X9 com a arma de brinquedo.

X9: Não, pelo amor de Deus! Não me mata não!

Moleques: Vamo desovar ele!! Vamos gastar bala com ele não, porque ele é X9! Isso é exemplo pra quem não ta preparado pra vida do crime. Vamo mandar os moleque roubar um carro na pista pra desovar o presunto!

Eles começam a atirar com as armas falsas. Gritam e depois carregam o corpo pra fora da vala. Chutam o estomago do menino. Porra, isso deve machucar de verdade, mas o moleque “morto” nem se mexe. Os vivo resolvem posar para uma foto.

As vozes refletidas nos discursos em análise, presentes na narração do texto acima, denunciam que o discurso dessa comunidade em estudo é regido por normas que definem um gênero na comunicação do tráfico de drogas – o diálogo – propagando aos possíveis receptores ou a terceiros sua ideologia e concepção de mundo, em que uns valores são estabelecidos, e outros, rompidos. Como todos os sistemas disciplinares, o tráfico de drogas tem seu próprio mecanismo penal, cuja norma consiste em matar ou morrer. A exploração econômica que separa a força do produto do trabalho revela que a disciplina fabrica corpos submissos ao comando e ainda aumenta seu exército de soldados para a vida do crime, como expressa a narração acima.

A história geográfica e cultural do Brasil vem sendo mergulhada no “submundo” do crime, onde classes dominantes dominam classes dominadas e que nos faz repensar também na questão do idioma, uma vez que se rompe com a língua e o poder, levando uma comunidade a expressar seus sentimentos e ideias em “dialeto” construído com uma finalidade: a delinquência. A conquista ideológica desse idioma da comunidade do tráfico de drogas vem ganhando espaço geográfico em território nacional e internacional. Uma comunicação imposta de uma classe marginalizada em que já se pode notar uma penetração em outras classes sociais. Observa-se que a linguagem é uma das armas poderosas de sobrevivência dessa comunidade, com seus signos. Um sistema arbitrário de símbolos usados para representar ideias, pensamentos que expressam a realidade em que esses sujeitos estão socialmente inseridos.

A palavra dessa comunidade tem, pois, sons com significação cultural, embora não se preocupem com a norma culta. O sentido do significado das palavras detém-se a códigos como instrumento de poder, privilégios, opressão e massacre. A língua e a linguagem são derivadas de experiências vividas por essa comunidade, que se apropria das ideias de in-

teresse daqueles que se apoderam do comando da comunidade do tráfico. Poderíamos afirmar que a linguagem que empregam é considerada marginal, porque se afasta do modelo concebido pela sociedade, tanto no que diz respeito à norma culta quanto aos significados “estabelecidos” nos processos linguísticos que tornam possível a compreensão, exemplificado no diálogo.

O diálogo que Celso (2006) mantém com as crianças residentes na favela e que estão direta ou indiretamente sob a disciplina das normas, da cultura – crianças da elite brincam e representam os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo; crianças do tráfico brincam simulando a vida na “boca”. O poder do tráfico de drogas traz para o leitor uma análise do discurso em relação à influência que tem o poder da comunicação nesse linguajar – criador de uma linguagem que lhe é própria e que estabelece um código linguístico desafiador ao próprio Estado. Uma linguagem em que se respeitam os conceitos “favelas”, “periferia”, “pobreza”, “riqueza”.

7. *Considerações finais*

Considerando todos os aspectos abordados nesse percurso analítico, espero que este trabalho possa contribuir para que o aluno leitor e o professor leitor de graduação e pós-graduação possam refletir sobre a obra estudada, em que se constata uma atividade socioeconômica do tráfico de drogas presente no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, e que essa reflexão nos conduza a uma mudança em relação ao outro e ao mundo, conscientizando a sociedade sobre o perigo que as drogas representam, razão pela qual ainda se faz necessária uma política escolar para resgatar os que ainda sobreviverem ao genocídio do tráfico.

O sujeito Sabugo inscrito nos fios do texto se anuncia como um sujeito irônico e irreverente. Localizado nas *relações de comunicação*, na formação discursiva do discurso ideológico que desnuda as relações de poder da comunidade do tráfico de drogas, evidenciando o julgamento injusto das condutas dos indivíduos, denunciando que não há justiça na Justiça brasileira. A função do sujeito autor busca desmascarar os *jogos de verdade* que declaram a legitimidade, a retidão da Justiça do nosso país, produzindo um contradiscurso e, por sua vez, afirmando-se, constituindo-se como “sujeito de protesto”, um “sujeito de militância”. Evidencia-se que o “sujeito de protesto – Sabugo” segundo Milanez (2004, p.

183) "é o resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente: os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si."

Constituir-se como sujeito não é uma escolha livre do indivíduo que, um belo dia, decide ter essa ou aquela identidade. A constituição do sujeito como buscou evidenciar neste artigo, é determinada pelas relações de norma e poder da ideologia do tráfico de drogas. Nestas condições, não é possível pensar a questão do sujeito, assim como a noção de função-autor, como uma função do sujeito, sem relacioná-la às instâncias de sua constituição, como diz Foucault (2004), sem pensar a relação entre esses três grandes domínios: a verdade, o poder, e a conduta individual.

Diante do exposto, entendemos que o código (dialeto) empregado no tráfico de drogas nos permite observar esse dinamismo da linguagem, rico, no que concerne ao campo semântico, embora marginalizado. O assunto, porém, não se extingue aqui. Assim, tendo em vista que os discursos são constituídos com base no contexto social e histórico de seus interlocutores, com o peso conceitual e ideológico de quem os produz, resalto que este artigo aponta apenas alguns aspectos que merecem ser aprofundados, porquanto o tema investigado constitui um campo muito rico para o estudo da linguagem.

Na história nada surge agora, sempre vai haver um passado. Sempre haverá uma luta entre forças absolutas como o Bem e o Mal; entre a cidade e seu pesadelo da criminalidade do asfalto, que estimula uma relação entre o mito e a história recente, o antes e o depois, o "eles" e o "nós".

Penso que, se um dia, eu pedi para nascer (?) (!), não me deram o direito de escolher meus pais, minha cor, minha raça, minha religião, pobreza ou riqueza. Portanto, me deem somente a chance de ter dignidade!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHAYDE, Celso e MV Bill. *Falcão – Meninos do tráfico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BAKHTIN, Volochínov. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. Subjetividade e verdade. In: *Resumo do curso do Collège de France*. Trad.: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Verdade e poder. In: *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

_____. A governamentalidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. Soberania e disciplina. In: _____. *Microfísica do poder*. Trad.: Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999c.

_____. O retorno da moral. In: *Ética, sexualidade e política*. Trad.: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. (Coleção Ditos e Escritos vol. IV)

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história no tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Paulo: Claraluz, 2003.